



*“SE ESSA RUA FOSSE MINHA ...”:
PLANO DE TRABALHO DOCENTE-DISCENTE SOBRE
A HISTÓRIA LOCAL NA PERSPECTIVA DA
PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA*

GABRIELA APARECIDA DE ASSIS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ – UENP
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO –PPED
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO BÁSICA

“SE ESSA RUA FOSSE MINHA....”:

PLANO DE TRABALHO DOCENTE-DISCENTE SOBRE A HISTÓRIA LOCAL NA
PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

JACAREZINHO
2021

Ficha catalográfica elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UENP

AG117" Aparecida de Assis, Gabriela
"Se essa rua fosse minha": plano de trabalho
docente-discente sobre a História Local na
perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica / Gabriela
Aparecida de Assis; orientadora Vanessa Campos
Mariano Ruckstadter - Jacarezinho, 2021.
50 p. :il.

Produção Técnica Educacional (Mestrado
Profissional em PPED) - Universidade Estadual do
Norte do Paraná, Centro de Ciências Humanas e da
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

1. . I. Campos Mariano Ruckstadter, Vanessa ,
orient. II. Título.

SUMÁRIO

Apresentação	4
O que é a Pedagogia Histórico – Crítica?.....	6
Mas afinal, o que é Materialismo Histórico-Dialético?	7
Pedagogia Histórico-Crítica: uma Pedagogia Contra-Hegemônica	8
O Papel do Trabalho Docente	12
Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica.....	13
Problematização	14
Instrumentalização	15
Catarse.....	16
Prática Social Final	16
Sugestão de Plano de Trabalho Docente-Discente Sobre A História Local Na Perspectiva Da Pedagogia Histórico-Crítica	19
Considerações Finais.....	41
Referências.....	43
ANEXO A	44
ANEXO B	45
ANEXO C	46
ANEXO D	47
ANEXO E	48
ANEXO F.....	49

APRESENTAÇÃO

Prezado (a) leitor (a)

O presente documento é um produto educacional resultante da pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional em Educação Básica – PPEd da Universidade Estadual do Norte do Paraná – *Campus* Jacarezinho, intitulada “Práticas pedagógicas de aprendizagem histórica nos anos iniciais do Ensino Fundamental a partir da Pedagogia Histórico-Crítica”.

Neste produto educacional você encontrará elementos que irão lhe auxiliar na compreensão inicial sobre a Pedagogia Histórico-Crítica através de uma breve apresentação dos princípios, da base teórico-metodológica, da importância para a escola e do papel do docente nessa teoria educacional.

Ao final, foi elaborada uma sugestão de plano de trabalho docente-discente (plano de aula) sobre a História Local a partir dessa pedagogia. A Pedagogia Histórico-Crítica é uma teoria pedagógica genuinamente brasileira elaborada por Dermeval Saviani no final dos anos de 1970. O plano segue a proposta de didatização elaborada por de João Luiz Gasparin (2009).

A intenção deste material é ofertar um recurso para o trabalho docente-discente em sala de aula e evidenciar as possibilidades de relação da Pedagogia Histórico-Crítica com a Aprendizagem Histórica das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Vale lembrar que o plano de trabalho docente-discente apresentado é uma das diversas formas que existem de relação entre a Pedagogia proposta e a História Local. Dessa forma, o presente produto educacional

está longe de ser uma receita única e acabada sobre a temática em questão. No entanto, tem como objetivo evidenciar que há possibilidades de desenvolver, em sala de aula, uma prática pedagógica a partir de uma teoria crítica e revolucionária.

Boa leitura e bons estudos!

A autora.

O que é a Pedagogia Histórico – Crítica?

A denominação Pedagogia Histórico-Crítica foi dada pelo autor Dermeval Saviani, no final dos anos de 1970. Foi criada a partir de um viés crítico e revolucionário como crítica às pedagogias reprodutivistas e crítico-reprodutivistas.

Os princípios dessa Pedagogia são baseados no MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO, a partir da relação entre educação e sociedade de forma mais ampla. Compreende, assim, que as relações entre os homens estão diretamente relacionadas com a forma como eles produzem e reproduzem sua existência e, conseqüentemente, compreendem e agem no mundo.

“Uma pedagogia revolucionária centra-se, pois, na igualdade essencial entre os homens. Entende, porém, a igualdade em termos reais e não apenas formais” (SAVIANI, 1989, p. 75).

Os pressupostos dessa pedagogia são da concepção dialética da história, e compreendem a educação escolar como resultado de um processo de transformação histórica.

Para a Pedagogia Histórico-Crítica, o papel da educação escolar é possibilitar o acesso dos indivíduos aos conhecimentos científicos.

Mas afinal, o que é Materialismo Histórico-Dialético?

Materialismo histórico dialético é uma corrente filosófica embasada nas concepções e estudos de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), que tem como ponto central a relação entre o homem e o trabalho.

A partir de uma visão antimetafísica, ou seja, de uma visão com base no tempo e no sujeito histórico (realidade), o materialismo histórico-dialético concretiza-se na dimensão histórica e social para o processo de construção do conhecimento dos homens.

As contradições sociais e a luta de classes descrevem a história da humanidade, e é através delas que as relações sociais e a organização da produção material da sociedade constituem-se, em um constante movimento dialético.

O homem, ao olhar para a concretude, deixa de criar especulações e fantasias para explicar e compreender o mundo, e começa a entender o processo de desenvolvimento prático dos homens, partindo daquilo que é real, concreto. Dessa forma, cria consciência sobre si e sobre as relações que constituem a história humana.

“[...] não é a consciência que determina a vida, mas é a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 2005, p. 52).

Nesse sentido, Saviani, em um estudo aprofundado sobre o materialismo histórico-dialético, formulou a Pedagogia Histórico-Crítica e aproximou essas concepções com a Educação.

Pedagogia Histórico-Crítica: uma Pedagogia Contra-Hegemônica

A partir de um movimento de crítica à sociedade capitalista burguesa, por volta da década de 70 e 80 no Brasil, foram formuladas pedagogias para superar a hegemonia vigente. Nesse contexto, a Pedagogia Histórico-Crítica foi construída a partir do viés de uma teoria que superasse as pedagogias reprodutivistas e crítico-reprodutivistas.

As pedagogias reprodutivistas e crítico-reprodutivistas são denominadas de hegemônicas por terem características de NÃO assegurar uma fundamentação propícia para a mudança social, ou seja, são teorias que reproduzem, pela Educação, a ideologia burguesa. Saviani classificou-as em teorias NÃO CRÍTICAS e teorias CRÍTICO-REPRODUTIVISTAS.

O primeiro grupo tem como característica um pensamento que considera a educação como redentora para os problemas da sociedade, não reconhecendo os limites que a educação e a escola têm perante os problemas sociais. Exemplos dessa teoria não-crítica são a Pedagogia Tradicional, a Pedagogia Nova e a Pedagogia Tecnicista.

Já as teorias crítico-reprodutivistas consideram as limitações da escola. No entanto, continuam reproduzindo a ideologia vigente, ou seja, criticam e reconhecem as limitações, mas não propõem mudanças. Exemplos desse grupo são a Teoria da escola enquanto aparelho ideológico do Estado (Althusser) e a Teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica (Bourdieu e Passeron).

Com isso, as PEDAGOGIAS CONTRA-HEGEMÔNICAS nascem com esse viés da crítica ao capitalismo, de seu modo de produção e das formas como as relações sociais configuram-se através do trabalho. Têm como características serem *pedagogias humanizadoras, libertadoras, provindas de movimentos de lutas sociais, de interesse do proletariado e com posturas políticas e críticas*.

As principais referências dessas pedagogias são: as pedagogias da educação popular (de inspiração libertadora); as pedagogias da prática (de inspiração libertária); pedagogia crítico-social dos conteúdos; e a pedagogia histórico-crítica.

Nesse contexto, por meio de tais perspectivas, a Pedagogia Histórico-Crítica foi elaborada como uma pedagogia revolucionária de superação a esse sistema hegemônico, e estabeleceu-se os entraves pela luta social a partir de uma educação humanizadora.

Uma pedagogia articulada com os interesses populares valorizará, pois, a escola; não será indiferente ao que ocorre no interior; estará empenhada em que a escola funcione bem; portanto, estará interessada em métodos de ensino eficazes. Tais métodos se situarão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros (SAVIANI, 1989, p.79)



Para saber mais .

SAVIANI, D. Escola e Democracia. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1989.

SAVIANI, D. et al. Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar. Campinas, SP: Autores associados, 2015 (Coleção polêmicas do nosso tempo).

SAVIANI, D. História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores associados, 2007. (Coleção memória da educação).

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 8. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

Vídeo: A pedagogia histórico-crítica. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=13ojrNgMChk>

Mas e a Escola? Contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica



Segundo Saviani (2011), a escola constitui uma expressão da sociedade à qual está inserida, e é uma resposta a determinado momento histórico.

A Pedagogia Histórico-Crítica compreende que as escolas são determinadas pela sociedade e a maneira como ela se organiza.

Nesse sentido, uma escola pertencente a uma sociedade capitalista, dividida em classes e com interesses privilegiados da burguesia, tende a ser reprodutivista de ideais hegemônicos.

Com isso, a partir da perspectiva dessa Pedagogia, a escola visa atender aos interesses dos dominados, ofertando-lhes o conhecimento sistematizado como forma de emancipar-se por meio do saber.

A Pedagogia Histórico-Crítica resgata para as escolas a sua atividade essencial: o saber elaborado. Por meio da socialização dos saberes, viabiliza um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais.

O modo como se dá esse saber elaborado em sala de aula não é o da mera transmissão de conhecimentos de forma neutra e passiva, tampouco é descontextualizado da realidade.

[...] essa nova forma pedagógica de agir exige que se privilegiem a contradição, a dúvida, o questionamento; que se valorizem a diversidade e a divergência; que se interroguem as certezas e as incertezas, despojando os conteúdos de sua forma naturalizada pronta, imutável (GASPARIN, 2009, p. 3)

O Papel do Trabalho Docente

O papel do trabalho docente, visto pela Pedagogia Histórico-Crítica, demanda não apenas do ponto de vista didático-pedagógico, mas também da articulação deste fator com seu posicionamento político.

A aula é um momento de ação complexa em que o docente necessita obter domínio de vários saberes para desenvolvê-la. É importantíssimo o domínio teórico-prático dos conteúdos escolares no desenvolvimento da aula, para possibilitar uma relação contextualizada sobre o assunto tratado permitindo que o educando faça uso em suas realidades sociais.

Para isso, a formação inicial e continuada dos docentes é uma necessidade constante, pois, além do domínio dos conteúdos, o docente também precisa articulá-lo com a sua prática em sala de aula e com a prática social, de forma mais ampla.

Importante ressaltar também que, no processo de ensino e aprendizagem, docente e educando são coautores, pois, juntos, devem descobrir a que servem os conteúdos-científicos propostos pela escola.

O docente não trabalha pelo aluno, mas com o aluno (GASPARIN, 2009).

Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica

O grande dilema, quando Saviani apresenta sua teoria da Educação, é torná-la uma pedagogia, ou seja, fazer com que a teoria já sistematizada transforme-se um saber escolar. Eis então o questionamento: como dar aula sob os princípios da Pedagogia Histórico-Crítica?

De forma a contribuir para a prática pedagógica, João Luiz Gasparin em seu livro “Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica” propôs uma didática que consiste no uso do método dialético prática-teoria-prática.

Gasparin (2009) apresentou uma didática dividida em cinco passos, e que envolvem o trabalho conjunto do docente e dos discentes.

1. PRÁTICA SOCIAL
2. PROBLEMATIZAÇÃO
3. INSTRUMENTALIZAÇÃO
4. CATARSE
5. PRÁTICA SOCIAL FINAL DOS CONTEÚDOS

Gasparin enfatiza que os passos são divididos a fim de tornar a didática mais compreensiva e clara, mas que o processo de ensino aprendizagem acontece de forma dialética, ou seja, os passos articulam-se entre si, não havendo uma ruptura em que se inicia um passo após o término de outro. Vamos conhecer cada um deles?

Prática Social do Conteúdo

A prática social inicial é o ponto de partida da aula. É o momento em que o docente expõe sobre o assunto, mas com o objetivo de ouvir seus educandos.

O docente observa, analisa e registra os conhecimentos prévios que seus educandos apresentam sobre o tema em questão.

O primeiro passo do método caracteriza-se por uma preparação, uma mobilização do aluno para a construção do conhecimento escolar. É uma primeira leitura da realidade, um contato inicial com o tema a ser estudado (GASPARIN, 2009, p. 13).

Não é o momento de problematizar e nem levantar questionamentos, apenas de dialogar e introduzir a temática com base na prática social.

Problematização

A problematização é o passo em que as questões em torno da temática serão levantadas. Essas perguntas devem contemplar as grandes questões sociais que perpassam a sociedade e também os conteúdos escolares.

Esse é o momento de mostrar de forma direta aos educandos a importância de determinado conteúdo, e de responder às frequentes perguntas sobre “porque devo estudar isso?” e “Qual a importância desse conteúdo para minha vida e para a sociedade em que vivo?”, entre outras.

Por isso, neste passo, é fundamental que o discente seja instigado a levantar problematizações. Essas problematizações devem abranger

diversas dimensões, tais como a dimensão histórica, social, política, geográfica, econômica entre outras.

A problematização é um elemento chave na transição entre a prática e a teoria, isto é, entre o fazer cotidiano e a cultura elaborada. É o momento em que se inicia o trabalho com o conteúdo sistematizado (GASPARIN, 2009, p. 33).

Instrumentalização

Este passo é o momento de responder às questões levantadas, sanando a curiosidade dos educandos através do conhecimento sistematizado.

É importante selecionar os mecanismos, materiais e métodos que serão utilizados na aula que servirão para aliar o conhecimento prévio ao conhecimento sistematizado.

O docente deve ministrar as aulas abordando as diversas dimensões possíveis sobre determinado tema. É a busca do sentido que o conhecimento científico traz para a vida dos educandos.

A Instrumentalização é o caminho pelo qual o conteúdo sistematizado é posto à disposição dos alunos para que o assimilem e o recriem e, ao incorporá-lo, transformem-no em instrumento de construção pessoal e profissional (GASPARIN, 2009, p.51).

Catarse

Este passo refere-se ao momento da apreensão do conhecimento científico sistematizado pelos educandos.

É o momento em que o educando consegue perceber o significado de determinado assunto como um novo instrumento de trabalho, de luta, de aquisição para transformar sua realidade pessoal e social.

A catarse é a demonstração teórica do ponto de chegada do nível superior que o aluno atingiu. Expressa a conclusão do processo pedagógico conduzido de forma coletiva para a apropriação individual e subjetiva do conhecimento. É o momento do encontro e da integração mais clara e consciente da teoria com a prática na nova totalidade (GASPARIN, 2009).

A catarse também pode ser a avaliação, para averiguar o que o estudante aprendeu sobre o assunto estudado. Para tanto, é preciso garantir que as avaliações contemplem as dimensões trabalhadas em cada tema.

Prática Social Final

Entendendo que o conteúdo trabalhado foi apropriado pelo educando, a prática social final retorna novamente à prática social, porém, agora, com uma nova visão sobre a realidade, pois já houve a transposição do prático para o teórico.

Este último passo se sustenta em torno de uma pergunta fundamental: “O que o educando pode fazer com aquilo que ele aprendeu?”. É preciso identificar as ações para colocá-las em prática. É necessário desafiar os educandos nesse momento final.

O docente e os educandos elaboram um plano de ação com base no conteúdo trabalhado. Este plano procura prever o que cada aluno (ou grupo de alunos) fará na vida prática, no seu cotidiano dentro e fora da escola. Procura também prever como será seu desempenho depois de ter adquirido determinado conhecimento. É o desenvolvimento de seu compromisso com a prática social, lembrando que esse método de estudo tem como pressuposto a articulação entre educação e sociedade (GASPARIN, 2009, p. 144).

Para saber mais...

Livro: GASPARIN, J. L. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. 6 ed. Campinas: Autores associados, 2009.

Série: Reflexões sobre o processo de ensino aprendizagem. Nessa série, o professor Gasparin esclarece acerca do processo de ensino-aprendizagem fundamentado na pedagogia histórico-crítica.

Parte 1: <https://www.youtube.com/watch?v=d-DqNak7nU8>

Parte 2: <https://www.youtube.com/watch?v=NIL3eSZQ8SM>

Parte 3: <https://www.youtube.com/watch?v=2PjZtnLmlZw>

Parte 4: <https://www.youtube.com/watch?v=A5HFcaE568Y>

Vídeo: O papel do professor na Pedagogia Histórico-Crítica .

Entrevista com a Profa. Dra. Vanessa Ruckstadter para o Canal História e Memória <https://www.youtube.com/watch?v=hs-2WTtSgYk&t=139s>



SUGESTÃO DE PLANO DE TRABALHO DOCENTE-DISCENTE SOBRE A HISTÓRIA LOCAL NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Após apresentados os cinco passos da proposta didática da Pedagogia Histórico-Crítica de João Luiz Gasparin, segue o plano de trabalho docente-discente desenvolvido com a temática da História Local na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica.

Este plano foi organizado com base na proposta dos cinco passos da didática da Pedagogia Histórico-Crítica, e está estruturado da seguinte forma: Prática social Inicial; Problematização; Instrumentalização I, II, III, IV e V; Catarse I e II e a Prática social final. Cada momento descrito nos passos traz os objetivos, os recursos e os materiais necessários para o desenvolvimento da aula.

Essa sugestão de plano de trabalho está direcionada para turmas do 3º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e organizada em 10 encontros.

Cabe ressaltar que se trata de uma sugestão de trabalho docente-discente, visando a aproximação dos conteúdos sobre a História Local (a partir das ruas) com a Pedagogia Histórico-Crítica, estando, portanto, longe de ser um material único e acabado. O desenvolvimento e a implementação da Pedagogia Histórico-Crítica são tarefas coletivas! Assim, você, professor (a), está convidado a elaborar/reelaborar e adaptar esta sugestão a partir de seus estudos da Pedagogia Histórico-Crítica.

PRÁTICA SOCIAL

Objetivo:

- Introduzir a temática sobre as ruas (História Local) a partir de observações e diálogos sobre a realidade local dos estudantes.

Recursos e materiais necessários para o desenvolvimento da aula:

- Aparelho eletrônico para transmissão da música;
- Pen-drive ou CD-ROM com a música “Se essa rua fosse minha” – Cantigas populares;
- Livro ou e-book da história “Se essa rua fosse minha ...” – Eduardo Amos;
- Folhas com a letra da música impressa para os estudantes;
- Caderno ou folha de papel almaço;
- Fichas impressas para colher informações sobre a rua.

Desenvolvimento da aula:

1º MOMENTO – Introdução do tema;

Introduzir o tema a partir da música “Se essa rua fosse minha” – Cantigas populares, e da leitura do livro “Se essa rua fosse minha...” do autor Eduardo Amos. (ANEXO A e B);

Nesse momento, o docente pode sugerir aos estudantes que ouçam, cantem, leiam e interpretem a música, assim como leiam e interpretem a história do livro. Esses materiais de introdução servem para anunciar o tema e promover diálogos sobre o assunto. Desse modo, o docente observa e relata o que os estudantes apontam sobre o tema.

Para promover ainda mais o diálogo, algumas perguntas podem ser levantadas para aguçar a curiosidade nos estudantes, tais como: Como são descritas as ruas da música? Como são descritas as ruas do livro? Como são as ruas de suas casas? São semelhantes às descritas anteriormente?

Como você descreveria a sua rua?

2º MOMENTO – Relato sobre as ruas;

Solicitar aos alunos que façam um breve relato para descrever como são suas ruas e as demais ruas de seus bairros.

Pedir a leitura desses relatos e anotar no quadro algumas informações mencionadas que considerar importante para a discussão sobre o tema.

3º MOMENTO – Atividade de casa;

Como atividade de casa, solicitar aos estudantes que preencham uma ficha (entregue pelo docente) com informações de suas ruas. Nessa atividade, o estudante deverá descrever como é sua rua, e para isso poderá pedir auxílio para seus pais ou responsáveis. (ANEXO C).

Leitor (a),

Compreenda que nesta etapa inicial do plano de trabalho pedagógico, o docente, assim como os estudantes, estão no mesmo patamar, ou seja, têm como ponto de partida a prática social. No entanto, são perspectivas diferentes.

A perspectiva pela qual o docente inicia esse processo de ensino e aprendizagem é denominado por Saviani (1989) como SÍNTESE PRECÁRIA. Essa nomeação se dá pelo fato do docente, ao elaborar e planejar a aula, já possuir conhecimento sistematizado sobre o assunto a ser tratado, além de já contar também com uma compreensão sobre a prática social. Diante disso, então, possui uma síntese. Mas, ainda assim é precária, porque o docente não sabe o que seus educandos conhecem sobre o assunto, ou seja,

não sabe o nível de compreensão que os educandos têm.

Em contrapartida, os estudantes, por mais conhecimento e experiência que detenham de suas práticas sociais, por si só não conseguem articular, nessa etapa, o conhecimento pedagógico/científico com suas realidades. Por isso, Saviani (1989) nomeia o nível de compreensão dos estudantes de SINCRÉTICO.

Neste plano, optou-se em utilizar a leitura e a música como recursos para auxiliar na introdução da temática, além da valorização do momento de diálogo entre as crianças e o docente, pois é por meio dessa troca que este conduzirá suas próximas aulas.

QUESITOS FUNDAMENTAIS PARA A PRÁTICA SOCIAL:

- ❖ Introduzir a temática
- ❖ Dialogar
- ❖ Mediar discussões sobre o assunto;
- ❖ Observar e relatar o nível de compreensão dos estudantes sobre o assunto;
- ❖ Não formular problemas, entre outros.

PROBLEMATIZAÇÃO

Objetivo:

- Elencar situações-problema que estimulam o pensamento crítico dos estudantes sobre a temática.

Recursos e materiais necessários para o desenvolvimento da aula:

- Ficha sobre as informações das ruas;
- Lousa;
- Giz ou Caneta.

Desenvolvimento da aula:

1º MOMENTO – Leitura da atividade de casa;

Leitura das fichas, enviadas como atividade de casa, sobre a coleta das informações das ruas dos estudantes. Neste momento, o docente deve mediar as informações apresentadas, estimulando a troca de ideias, fazendo comparações entre as ruas descritas e entre os diferentes bairros.

2º MOMENTO - Levantar principais problemas;

Na lousa, o docente começa a elencar algumas indagações necessárias para a problematização do tema. Aqui, cabem perguntas como:

O que é uma rua? Porque é importante uma rua para a cidade? Como se dá os nomes das ruas? Quem nomeia as ruas? Porque é importante nomear as ruas? Que história tem por trás dos nomes das ruas? As ruas, em épocas passadas, eram iguais às ruas de hoje? As ruas das cidades são iguais às ruas de sítios e fazendas?

Leitor (a),

Perceba que neste passo da aula o importante é não focar nas respostas, mas estimular os estudantes a refletirem e problematizarem o assunto.

O estudante, assim como o docente são protagonistas deste plano de aula. Por isso, neste processo de problematização, é de fundamental importância que os educandos ajudem a elaborar as questões para que possam mostrar suas inquietudes e curiosidades sobre o assunto.

A atividade da ficha sobre as informações das ruas foi um complemento para que estudantes e docentes obtivessem mais informações da prática social sobre aquilo que irão problematizar. A atividade serviu para conhecer melhor alguns pontos específicos que podem ser debatidos em aula e apresentados na problematização, pois, a partir dessas informações, novas inquietudes podem surgir.

QUESITOS FUNDAMENTAIS PARA A PROBLEMATIZAÇÃO:

- ❖ Problematizar a temática;
- ❖ Elencar questões que norteiam todas as dimensões que o plano de trabalho docente discente pretende atingir;
- ❖ Fazer com que as situações-problemas estejam o mais próximo possível da realidade;
- ❖ Ressaltar a importância da resolução de situações-problemas pelo conhecimento científico

INSTRUMENTALIZAÇÃO I

Objetivo:

- Trabalhar a noção espaço-temporal por meio da localização e da orientação, partindo do local onde os estudantes vivem.

Recursos e materiais necessários para o desenvolvimento da aula:

- Mapa da cidade;
- Ficha sobre as informações das ruas;
- Textos sobre os conceitos de zona rural e zona urbana;
- Materiais visuais sobre a diferenciação de zona rural e zona urbana (imagens impressas ou projetadas, vídeos, documentários etc.)
- Materiais visuais sobre a diferenciação entre rua, estrada, viela, logradouro, avenida entre outros termos (imagens impressas ou projetadas, vídeos, documentários etc.).

Desenvolvimento da aula:

1º MOMENTO – Mapa geográfico da cidade;

Primeiro, o docente entrega as fichas com as informações das ruas já preenchidas, e auxilia os estudantes a identificarem suas ruas no mapa. Neste momento, o docente pode explorar o trabalho com a localização geográfica da seguinte forma: explorar a distribuição das ruas e dos bairros da cidade; a distância de determinados bairros com relação à localização da escola; visualizar pontos públicos importantes da cidade, entre outros.

2º MOMENTO - Trabalhar os conceitos de zona urbana e zona rural;

Ainda com o mapa, o docente questiona se os estudantes estão visualizando os sítios, fazendas e chácaras pertencentes àquele Município.

Na sequência, questiona e explica a diferença entre o termo CIDADE e MUNICÍPIO. Com textos, imagens e vídeos, solicitar que os estudantes leiam e visualizem a diferença entre zona urbana e rural.

Por fim, cabe diferenciar os termos estradas, ruas, logradouros, avenidas, vielas entre outros, através de materiais visuais.

3º MOMENTO – Atividade de casa;

Como atividade de casa, pedir aos estudantes que tragam na próxima aula imagens, fotos, jornais ou demais fontes iconográficas¹ da cidade em épocas passadas.

¹ A iconografia estuda a origem e a formação das imagens. As fontes iconográficas são fontes a partir da linguagem visual, que utilizam-se de imagens para representar determinado tema, fato ou acontecimento.

MATERIAL DE APOIO PARA A AULA (SUGESTÕES):

Vídeo: A turma da Mônica – Chico Bento – Na roça é diferente. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zackl1j9PlQ&list=PLD1TCGVR3kOyGLiQTkJ4eHcCE_P1sLq.

Livro: NAGHETTINI, S. A paisagem rural e a paisagem urbana: como trabalhar esses conteúdos nos Anos Iniciais? In: Ensino de geografia a formação de professores [recurso eletrônico] Organizador: Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. Ponta Grossa, PR: Atenas, 2020. Disponível em: <https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/artigoPDF/38209>

Leitor (a),

Nesta etapa do plano de trabalho docente discente encontra-se o momento em que os conteúdos propostos são apresentados aos estudantes

de forma sistemática.

Através das atividades, no decorrer das aulas, o docente mediador desse processo de ensino aprendizagem é quem estimula o desenvolvimento da assimilação dos conceitos sistematizados e promove o pensamento crítico e reflexivo sobre os temas abordados.

O passo da Instrumentalização, neste plano de trabalho pedagógico, divide-se em cinco momentos de elaboração de atividades que desencadearam os próximos passos. Não necessariamente o plano pedagógico precisa ser organizado dessa maneira. Trata-se, apenas, de uma forma de estruturação pensada para facilitar a visualização dos assuntos abordados em aula, permitindo uma melhor organização didático-pedagógica.

Na Instrumentalização I, o objetivo primordial é a articulação entre as dimensões da História Local com as dimensões geográficas. Compreende-se que esse processo de articulação se faz necessário uma vez que a interdisciplinaridade faz parte do todo.

4

INSTRUMENTALIZAÇÃO II

Objetivo:

- Trabalhar a História Local a partir dos lugares de memória (ruas, praças, escolas, monumentos entre outros) da cidade, a fim de construir uma memória histórica sobre o lugar onde vivem.

Recursos e materiais necessários para o desenvolvimento da aula:

- Cartolina, cartaz, folha sulfite ou papel pardo;
- Cola branca ou fita adesiva;

➤ Tesoura

Desenvolvimento da aula:

1º MOMENTO - Solicitar a atividade de casa;

Neste momento, o docente visualiza e discute as imagens trazidas pelos alunos. É importante focar nas memórias de locais públicos da cidade e ressaltar a importância desses locais para a História da cidade e seu povo.

Caso seja viável, o docente pode levar os estudantes em laboratórios de informática e/ou bibliotecas, e solicitar que busquem mais informações sobre esses locais públicos da cidade, com o objetivo de resgatar a memória existente.

2º MOMENTO - Mural com as fontes colhidas pelos estudantes;

Nesta etapa, o docente solicita que seja realizado, coletivamente, um mural, varal ou algum tipo de exposição com o tema “MEMÓRIAS DE (NOME DA CIDADE)”.

O material pode ser exposto na parte interna da sala de aula, ou compartilhado em locais onde outros estudantes da escola tenham acesso.

Leitor (a),

A Instrumentalização também pode ser utilizada como momentos para propor trabalhos em grupos, realização de pesquisa e, principalmente, debates sobre aquilo que está sendo realizado.

O docente, enquanto mediador, deve a todo instante estar atento às discussões levantadas pelos estudantes no decorrer das atividades, bem como deve instigar a reflexão dos estudantes para atentar-se àquilo que

estão desenvolvendo.

A Instrumentalização II, proposta neste plano de trabalho docente discente, propõe atividades em grupo a fim de trabalhar a memória e a história a partir dos lugares de memória, ou seja, dos lugares públicos e históricos da cidade.

A memória, assim como a História, é um importante instrumento para a construção da nossa identidade pessoal e coletiva. Devido a isso, constituem recursos indispensáveis no processo de ensino e aprendizagem através das coletas de dados.

5

INSTRUMENTALIZAÇÃO III

Objetivo:

- Identificar os registros de memória presentes nos nomes das ruas

Recursos e materiais necessários para o desenvolvimento da aula:

- Ficha sobre as informações das ruas dos estudantes;
- Materiais diversos sobre o nome das ruas dos estudantes;
- Placa de rua impressa para cada estudante.

Desenvolvimento da aula:

1º MOMENTO - Iniciar a aula retomando o uso das fichas com as informações sobre as ruas dos estudantes;

Neste momento, o docente deve preparar alguns materiais já prontos sobre o nome das ruas de seus estudantes, como por exemplo: se for o nome de um sujeito histórico da cidade, já deverá ter esse material na aula, como fonte de pesquisa para o estudante; do mesmo modo, se houver alguma curiosidade sobre os nomes, que seja disponibilizado

algum material sobre tais.

Aqui, é importante usar fontes em documentos como livros, jornais, revistas, assim já estimulará a leitura e a identificação de outras formas de fontes históricas.

2º MOMENTO - Atividade “Se essa rua fosse minha...”.

A atividade consiste em preencher o nome de uma rua em uma placa impressa. (ANEXO D).

Solicitar aos estudantes que coloquem um nome para sua rua. Orientá-los a escolher um nome que considere a memória da cidade, seja pelos sujeitos históricos ou fatos históricos. Importante ressaltar que é necessário haver uma justificativa para a escolha do nome.

3º MOMENTO – Atividade de casa;

Ainda em sala de aula, construir com os estudantes perguntas e curiosidades, para que eles entrevistem pessoas mais velhas de seus bairros a respeito das ruas, suas nomeações, suas construções e mudanças ao longo do tempo.

Por fim, a partir da construção coletiva das perguntas da entrevista, solicitar que os estudantes tragam esse material para a próxima aula.

Leitor (a),

Na Instrumentalização III, o objetivo da aula é o de identificar os registros de memória presentes nos nomes das ruas. As fontes coletadas e apresentadas pelo docente são fundamentais para essa compreensão. Todavia, mais importante do que identificar, é buscar compreender e significar esses nomes.

Para isso, o docente, enquanto mediador desse processo, deve levantar dúvidas, incertezas, contradições e até mesmo críticas em relação aos nomes das ruas apresentadas, de modo a posicionar os estudantes para criticamente pensarem a respeito do assunto. Ou seja, é preciso levar os estudantes a pensarem sobre o motivo de certas pessoas ou grupo de pessoas terem recebidos seus nomes como homenagem em ruas.

Além de conhecer é preciso questionar!

6

INSTRUMENTALIZAÇÃO IV

Objetivo:

- Reconhecer os sujeitos como sujeitos históricos, pertencentes à História como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.

Recursos e materiais necessários para o desenvolvimento da aula:

- Vídeo, documentário ou filme sobre a história da cidade ou sobre algum acontecimento histórico importante.

Desenvolvimento da aula:

1º MOMENTO – Solicitar a leitura das entrevistas feitas pelos estudantes em casa;

Neste momento, é importante promover o diálogo e a reflexão. Deve-se retomar a problematização e sanar as dúvidas decorrentes do assunto, além de ressaltar a importância dos sujeitos históricos desse processo.

2º MOMENTO – O docente pode apresentar, neste segundo momento, um filme ou documentário que fale a respeito da história da cidade ou que apresente algum fato histórico marcante. Pode também convidar uma pessoa da comunidade que tenha alguma história ou experiência que vivenciou e marcou a história da cidade.

Leitor (a),

A Instrumentalização IV, ao propor a atividade da entrevista realizada pelos estudantes sobre a História Local, possibilita a compreensão dos discentes de que as pessoas entrevistadas, assim como todos os demais sujeitos daquela localidade, são sujeitos históricos ativos e que contribuem para o desenvolvimento da História.

7

INSTRUMENTALIZAÇÃO V

Objetivo:

- Desenvolver aspectos de dimensões sociais e econômicas com relação às ruas e seus impactos na qualidade de vida das pessoas.

Recursos e materiais necessários para o desenvolvimento da aula:

- Textos sobre qualidade de vida; saneamento básico; papel dos agentes públicos para garantir a qualidade de vida; direitos e deveres dos cidadãos.

Desenvolvimento da aula:

1º MOMENTO – As ruas e a qualidade de vida.

Nessa aula, o docente inicia o conteúdo falando sobre a qualidade de vida e moradia. É importante trazer textos sobre qualidade de vida coletiva e a importância do saneamento básico para qualidade de vida das pessoas.

É importante também ressaltar sobre o impacto de uma boa moradia e uma boa estrutura na rua e nos bairros, visto que proporcionam uma melhor qualidade de vida para as pessoas. Cabe, assim, relacionar esse momento da aula com questões de dimensões sociais e econômicas.

2º MOMENTO - Papel dos agentes públicos;

Nesta etapa, cabe trazer textos ou vídeos que expliquem o importante papel dos agentes públicos. As seguintes problematizações precisam ser ressaltadas: Como as autoridades (prefeituras) podem melhorar as situações desses bairros? Quais os papéis que os agentes públicos podem desempenhar para melhorar a qualidade de vida e moradia das pessoas? (Saneamento básico).

Apresentar documentos oficiais sobre os direitos e deveres do cidadão;

Leitor (a),

Na Instrumentalização V, busca-se desenvolver os aspectos de dimensões sociais e econômicas com o objetivo de articular as ruas, ou seja, o lugar onde as pessoas vivem com o impacto que isso gera na qualidade de vida delas. Busca-se, também, através dessa aula, mostrar a importância do papel dos agentes públicos como responsáveis pela garantia do direito público dos cidadãos.

Nesse momento, pode ser realizada uma série de questionamentos para promover a reflexão de tais questões, como por exemplo: as ruas localizadas no centro da cidade são iguais às dos bairros mais afastados?;

Pessoas que não possuem saneamento básico (água, esgoto etc.) têm uma qualidade de vida igual a de pessoas que possuem esses direitos?; Qual a importância do trabalho de um gari para a preservação e conservação da limpeza de sua rua?; Um agente público tem quais responsabilidades sobre o local onde você mora?; entre outros questionamentos capazes de abranger questões sociais importantes.

O docente, pode usar a criatividade nessa aula. Além de textos para contextualizar, pode trazer jogos, charadas, cantigas, entre outros recursos que ajudem a promover esse tipo de criticidade.

8

CATARSE

Objetivo:

- Avaliar os conteúdos apreendidos durante as aulas trabalhadas através do jogo de trilha.

Recursos e materiais necessários para o desenvolvimento da aula:

- Folha sulfite;
- Lápis de escrever, lápis de cor e/ canetinhas;
- Dados;
- Tampas de garrafa pet;
- Cartas-problemas para o jogo

Desenvolvimento da aula:

1º MOMENTO – Construção do jogo de trilha;

O jogo de trilha sobre a História Local consiste em um jogo de tabuleiro que será construído pelos estudantes juntamente com a

orientação do docente. O docente pode dividir a sala em grupos com, no máximo, cinco estudantes para construir o jogo e posteriormente jogá-lo.

O primeiro momento é o da construção do tabuleiro. No tabuleiro será desenhada uma trilha com quarenta casas. Nessa trilha, algumas casas serão enumeradas e outras, ao invés de números, serão substituídas por pontos de interrogação, que indicam que o jogador deverá responder a uma pergunta contida em uma das fichas. (Ver modelo ANEXO E). Os estudantes terão a autonomia para escolher a direção, cor, formato entre outras características da trilha.

Após a construção do tabuleiro, o docente apresenta as demais partes do jogo (já prontas). São quatorze fichas, sendo dez delas compostas por perguntas descritivas a respeito do que foi estudado nas aulas anteriores e quatro fichas denominadas de sorte (Ver modelo ANEXO F). Um dado e cinco peões, sendo um para cada jogador (podem ser feitos com tampa de garrafa pet)

2º MOMENTO – Explorar o jogo;

Neste momento, explicar as regras do jogo das trilhas para os estudantes. As regras são: o jogador lança o dado e anda a quantidade de casas indicadas. Ao seguir as casas da trilha, pode-se, de acordo com a quantidade apresentada pelo dado, parar sobre uma casa com ponto de interrogação. Quando essa situação surge, outro jogador tira uma ficha e lê a questão para o colega que está jogando, e as instruções quanto ao acerto ou ao erro estão na mesma.

Depois, deixar as crianças explorarem o jogo, enquanto o docente observa e registra o desenvolvimento do jogo em cada grupo.

Leitor (a),

A Catarse, como já mencionado, é o momento de averiguar aquilo que as crianças aprenderam sobre os conteúdos trabalhados ao longo das aulas.

Entendendo a Catarse como um momento avaliativo, neste plano optou-se em escolher o recurso do Jogo como forma de avaliação das crianças.

Vale lembrar que o jogo como recurso pedagógico tem por objetivo ressignificar os conteúdos escolares trabalhados. Sendo assim, elementos-chave devem ser considerados na elaboração.

Sua eficiência enquanto recurso pedagógico consiste em proporcionar um momento em que os estudantes aprendam com diversão e entretenimento, sem que percebam que estão aprendendo e, principalmente, sem perceberem que estão sendo avaliados.

Nesse caso, o jogo da trilha seria um teste de conhecimento para as crianças e uma maneira do docente verificar se houve a compreensão dos assuntos trabalhados de uma forma mais tranquila e prazerosa.

Esse jogo da trilha promove o desenvolvimento social, por contemplar nele aspectos que estimulam a competição, a comunicação e o respeito às regras, além de um desenvolvimento intelectual devido ao estímulo do raciocínio e da simbolização (HÜTHER, 2016). Contudo, apesar do jogo estimular a competição, promove também o cooperativismo, pois, apesar de uma criança jogar contra a outra, quando as cartas-problemas com imagens e perguntas explicativas são dadas, é preciso que o colega incentive aquele que irá descrever a imagem ou explicar o que se pede a partir das relações dos elementos presentes em cena e sobre o conteúdo que aprenderam, ou seja, dentro do jogo, a criança que retira a carta-problema

está em avaliação pelos seus próprios colegas e, muitas vezes, precisa de um auxílio do outro para conseguir prosseguir com a resposta.

De acordo com Vygotsky, os jogos/brincadeiras são fundamentais no papel do desenvolvimento e aprendizagem da criança. Em seu livro *A Formação Social da Mente* (1991), o autor fala sobre a importância do brinquedo/brincadeiras para investigar as necessidades e motivações que as crianças manifestam, e como desenvolvem o aprendizado com o prazer através do ato de brincar/jogar. É também através do ato de brincar/jogar que são possíveis verificar e compreender os avanços nos diferentes estágios do desenvolvimento e da aprendizagem de uma criança. Conforme afirma o autor, a brincadeira configura-se como uma situação excepcional para o processo de aprendizagem infantil, à medida que provê uma estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência.

A relação desenvolvimento e aprendizagem através do jogo lúdico/brincadeiras se dá a partir das interações. Essas interações acontecem entre o objeto (brinquedo), seus pares, a mediação do docente e o ambiente em que se situam. Através disso, permitem que o aprendizado das crianças atinja a zona de desenvolvimento proximal, ou seja, cria-se condições para que determinados conhecimentos sejam consolidados ao

exercitar, no plano imaginativo, capacidades de imaginar e criar situações, representar papéis, seguir regras, obter prazer, bem como frustrar-se (VYGOTSKY, 1991).

Nesse sentido, ao propor o jogo da trilha como forma avaliativa, espera-se que as crianças se sintam motivadas e provocadas pelo prazer e pela curiosidade em entender os problemas e as regras que lhes serão postas, interagindo pela prática social e estabelecendo a consciência da realidade, ao mesmo tempo em que vivenciam a probabilidade de alterá-las.

PRÁTICA SOCIAL FINAL I

Objetivo:

- Desafiar os alunos a desenvolverem atividades com o conteúdo apreendido para a transformação da prática social.

Recursos e materiais necessários para o desenvolvimento da aula:

- Folhas sulfites para escrita das cartas;

Desenvolvimento da aula:

1º MOMENTO – Elaboração das Cartas;

Nesta etapa, o docente irá solicitar que as crianças elaborem duas cartas destinadas aos vereadores da Câmara Municipal da cidade. Serão elaboradas duas cartas com objetivos distintos.

A primeira carta consiste em um pedido de melhoria de determinada rua (a rua pode ser selecionada em conjunto com as crianças, para que sejam analisadas qual rua da cidade/bairro mais precisa de melhorias). Nessa carta, é importante constar o nome da rua, o bairro ao qual pertence, e a descrição do pedido de melhoria, como por exemplo: se a rua precisa de asfalto, saneamento básico, iluminação, limpeza, segurança, entre outros).

Na segunda carta, será realizado um pedido de mudança do nome de determinada rua ou, até mesmo, caso haja bairros novos a serem construídos, uma solicitação de que a nomeação de uma das ruas seja dada pelas crianças. Nessa carta é importante constar o nome que pretende ser dado e o motivo pela escolha do nome. É preciso que a justificativa seja algo que priorize a história e a memória da cidade, e considere todos os grupos sociais como sujeitos históricos.

Leitor (a),

A proposta da Prática Social Final deste plano de trabalho docente-discente busca responder à seguinte pergunta: O que as crianças podem fazer para contribuir com a prática social a partir daquilo que elas aprenderam nas aulas?

Por meio dessa pergunta central, a proposta da escrita das Cartas perpassa por uma questão além da avaliação, pois torna-se uma questão social. As crianças podem perceber que aquilo que se aprende na escola tem relação com as coisas que acontecem na prática social, e que, a partir desse conhecimento escolar adquirido, eles podem transformar a realidade em que vivem.

No que concerne a questões pedagógicas, com esse tipo de atividade também é possível trabalhar a escrita, a produção de texto e a importância do esforço coletivo para construção de algo em prol do bem comum.

10

PRÁTICA SOCIAL FINAL II

Objetivo:

- Mostrar as ações planejadas entre docente e estudante para promover a transformação social.

Desenvolvimento da aula:

1º MOMENTO – Visita à Câmara de Vereadores;

Nesta última etapa, o docente pode mobilizar uma visita das crianças à Câmara de Vereadores da cidade. Pode ser solicitada uma

conversa com alguns vereadores e com o prefeito, para que sejam entregues as cartas e as crianças possam expor o trabalho que desenvolveram.

Para finalizar este plano de trabalho docente-discente, em sala de aula, o docente pode retomar, em uma roda de conversa com as crianças, os principais conceitos trabalhados ao longo dessas aulas. Neste ponto, é importante destacar a relevância da História Local e dos sujeitos históricos, e discutir com as crianças a importância do trabalho em prol da coletividade, da cidadania e do bem comum.

Leitor (a),

Finalizando este plano de trabalho docente-discente, foi sugerida uma Prática social final II para enfatizar ainda mais a importância desse contexto dos conteúdos sistematizados com a prática social, e para concluir o que foi proposto na Prática social final I.

É sempre importante lembrar que os passos da didática da Pedagogia Histórico-Crítica são articulados entre si. Portanto, a finalização com a Prática social final na verdade não é o fim, mas apenas o início de novos questionamentos que podem ser levantados.

Considerações Finais

Chegando ao fim deste material, espero que você, leitor (a), tenha tido uma compreensão mais clara sobre a Pedagogia Histórico-Crítica, seus princípios, fundamentos teórico-metodológicos, e sua importância para a escola. Diante disso, para um estudo mais aprofundado sobre a temática, são sugeridos, ao longo do material, leituras e vídeos que irão ajudá-lo (a) ainda mais na sistematização sobre essa teoria educacional. Além disso, você pode ler, na íntegra, o relatório da pesquisa que originou este produto educacional, presente na dissertação que o acompanha.

Espera-se que, com este material elaborado, você possa desfrutá-lo em sua prática pedagógica, utilizando-o como um material complementar em seu planejamento. Cabe lembrar, pois, que o ato de planejar representa um ato político e pedagógico, uma vez que, ao planejar, o docente envolve, no processo de ensino e aprendizagem, as intenções e intencionalidades. Isso significa que não é neutro.

Ainda, enfatiza-se que o esforço em articular a Pedagogia Histórico-Crítica com a temática da História Local para o ensino com crianças resultou em um plano de trabalho docente-discente que condiz com uma didática dialética, ou seja, uma didática direcionada para a construção do saber elaborado a partir da

prática social.

Dessa forma, considera-se que, a partir do plano de trabalho docente-discente sobre a História Local na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, foi possível expor uma possibilidade de prática pedagógica voltada para uma aprendizagem emancipadora, democrática e de qualidade, mesmo que ainda com muitos desafios, sobretudo em um mundo pós-pandemia.

Fica aqui o convite a você para dar continuidade e pensar outras possibilidades de organizar seu trabalho pedagógico e o de sua escola a partir da Pedagogia Histórico-Crítica.

Referências

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 6 ed. Campinas: Autores associados, 2009.

HÜTHER, S. F. **Jogando com a história: diferentes possibilidades de aprendizagem**. Monografia (Graduação de História) – Centro Universitário UNIVATES. Lajeado, RS, 2016. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1552/1/2016SabrinaFabioHuth.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2020.

MARX, K. ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 3. ed. São Paulo: Editora MartinClaret Ltda., 2005.

PEXELS. Disponível em: <http://www.pexels.com/pt-br/>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PORTELLA, A. A. A favela aos olhos de quem vê. In: **I colóquio internacional de História cultural da cidade**. Porto Alegre, 2015.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1989.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ANEXO A

Música: Se essa rua fosse minha

Compositor: Cantigas Populares

Se essa rua

Se essa rua fosse minha

Eu mandava

Eu mandava ladrilhar

Com pedrinhas

Com pedrinhas de brilhante

Para o meu para o meu amor passar

Nessa rua

Nessa rua tem um bosque

Que se chama

Que se chama solidão

Dentro dele

Dentro dele mora um anjo

Que roubou que roubou meu coração

Se eu roubei

Se eu roubei teu coração

Tu roubaste tu roubaste o meu também

Se eu roubei

Se eu roubei teu coração

É porque

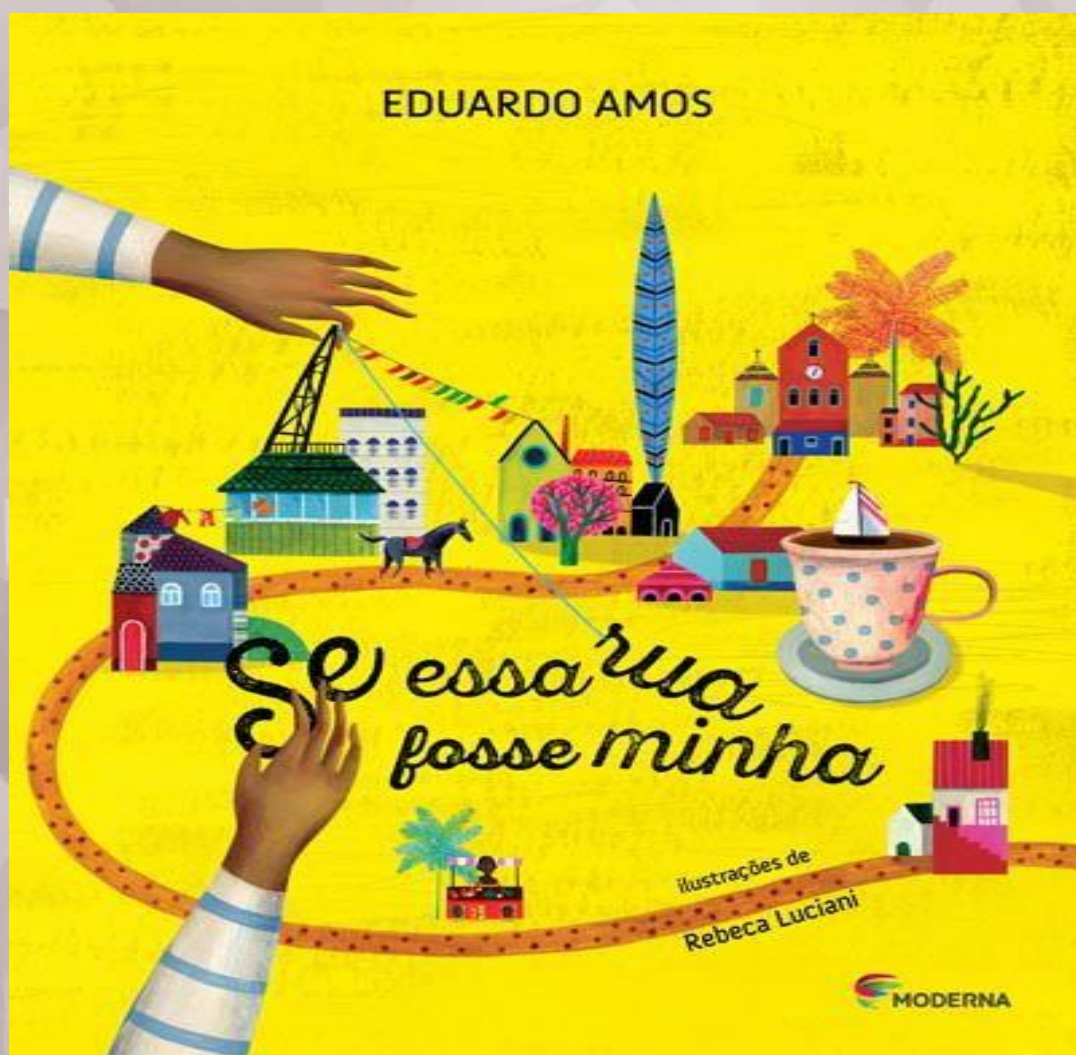
É porque te quero bem

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cantigas-populares/134098/>

ANEXO B

Livro: Se essa rua fosse minha

Autor: Eduardo Amos



ANEXO C

NOME DO ESTUDANTE	
NOME DA RUA	
BAIRRO	
FAÇA UMA BREVE DESCRIÇÃO DE SUA RUA, RELATANDO SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS (por exemplo: Possui iluminação?; É asfaltada?; Possui rede de esgoto?; É uma rua estreita ou larga?; É muito movimentada?; Há comércio por perto?; Entre outras informações.	

Elaborada pela autora (2021)

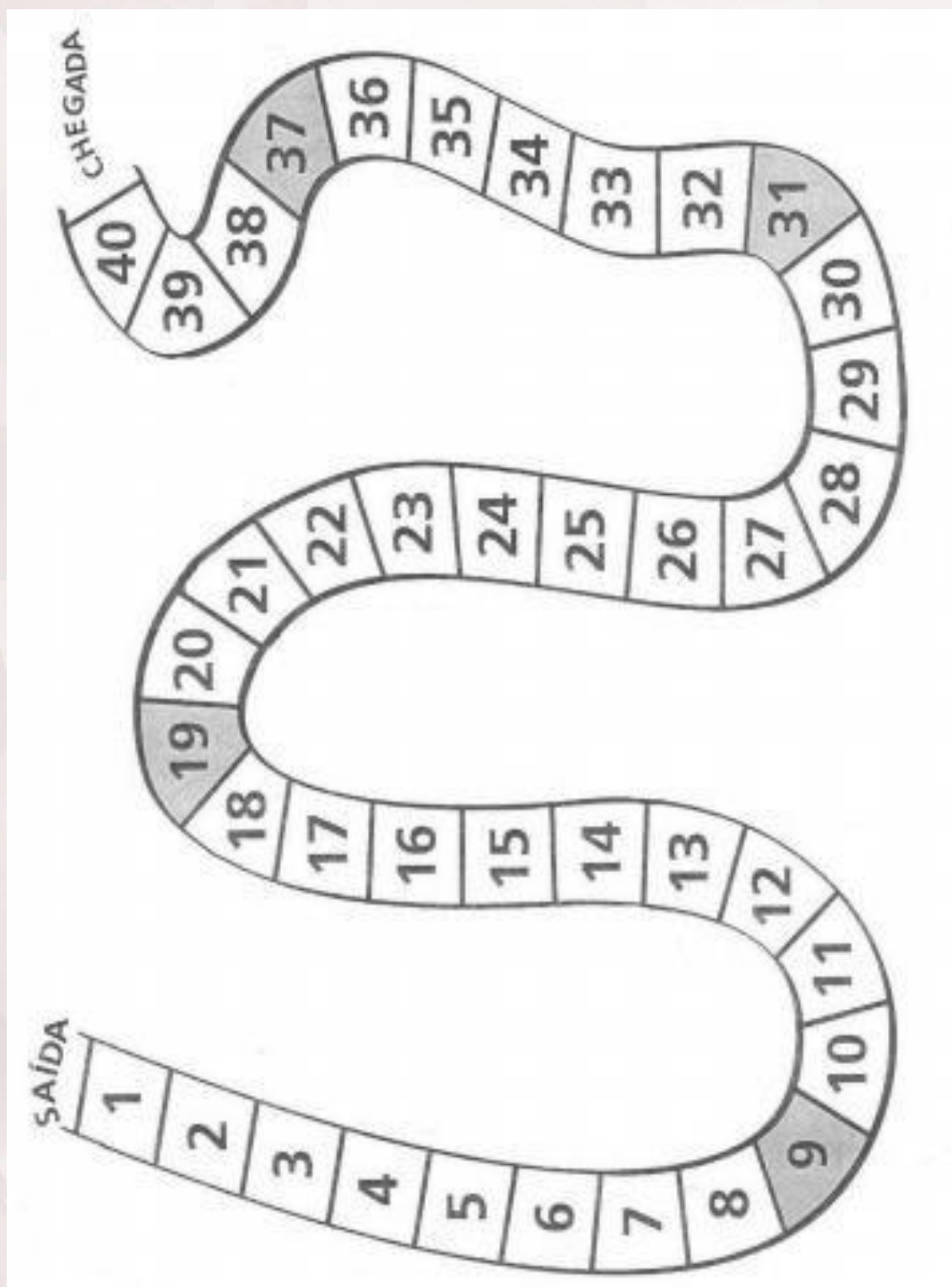
ANEXO D

Atividade “Se essa rua fosse minha ...”

Rua

JUSTIFIQUE SUA ESCOLHA

ANEXO E



Elaborado pela autora (2021)

ANEXO F

Explique a imagem (Colocar uma imagem de rua ou lugar público da cidade trabalhada) Correto: avance 1 casa Errado: retorne 1 casa	Explique a imagem (Colocar uma imagem de rua ou lugar público da cidade trabalhada) Correto: avance 1 casa Errado: retorne 1 casa	Explique a imagem (Colocar uma imagem de rua ou lugar público da cidade trabalhada) Correto: avance 1 casa Errado: retorne 1 casa	Explique a imagem (Colocar uma imagem de rua ou lugar público da cidade trabalhada) Correto: avance 1 casa Errado: retorne 1 casa
QUE SORTE!  Avance 2 casas	QUE SORTE!  Avance 3 casas	QUE SORTE!  Avance 2 casas	QUE SORTE!  Avance 3 casas
Quem são os responsáveis por nomear as ruas da cidade? a) Câmara dos vereadores b) Policiais Militares c) Secretários da Prefeitura Correto: avance 1 casa Errado: retorne 3 casas	O que é zona rural? a) Uma região geográfica não-urbanizável, utilizada em atividades agropecuárias, agroindustriais, entre outros. b) uma região geográfica urbanizada c). Apenas sítios Correto avance 3 casas Errado: Retorne 1 casa	Explique a diferença entre CIDADE e MUNICÍPIO Correto avance 2 casas Errado: Retorne 2 casas	O que é zona urbana? a) São áreas municipais que exercem atividades como a agropecuária b) São áreas municipais que passaram pelo processo de urbanização e industrialização; c) São os centros das cidades Correto avance 3 casas Errado: Retorne 1 casa
Explique porque é importante um saneamento básico nas ruas da cidade.	Qual a importância de nomear as ruas da cidade?	Explique o motivo de uma rua impactar na qualidade de vida das pessoas	Explique a importância do papel dos agentes públicos para a qualidade de vida da população

Correto: avance 2 casas Errado: retorne 2 casas	Correto: avance 2 casas Errado: retorne 2 casas	Correto: avance 2 casas Errado: retorne 2 casas	Correto: avance 2 casas Errado: retorne 2 casas
(Colocar perguntas sobre situações específicas das ruas e dos lugares de memória da cidade trabalhada”	(Colocar perguntas sobre situações específicas das ruas e dos lugares de memória da cidade trabalhada”	(Colocar perguntas sobre situações específicas das ruas e dos lugares de memória da cidade trabalhada”	(Colocar perguntas sobre situações específicas das ruas e dos lugares de memória da cidade trabalhada”
Correto: avance 2 casas Errado: retorne 4 casas	Correto: avance 2 casas Errado: retorne 4 casas	Correto: avance 2 casas Errado: retorne 4 casas	Correto: avance 2 casas Errado: retorne 4 casas

Elaborado pela autora (2021)